

OMS: mundo sob um "risco muito elevado"

Excesso de mutações aumenta a possibilidade de a cepa ômicron se espalhar pelo planeta e reduzir a eficácia de vacinas, alerta agência da ONU. Especialistas pedem cautela e afirmam que as medidas preventivas seguem sendo eficazes

Há mais de 20 meses enfrentando a pandemia da covid-19, o planeta se vê diante de uma nova versão do coronavírus que coloca todos os países sob "um risco muito elevado" e intensifica o debate sobre a eficácia das medidas de vacinação adotadas até o momento. O alerta é feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que, em um documento técnico, relata que a cepa ômicron — identificada, pela primeira vez, na semana passada, na África do Sul — pode gerar "futuros picos da doença que poderiam ter consequências severas". Segundo a agência das Nações Unidas, é elevada a probabilidade de a nova mutação se propagar pelo mundo, considerando o excesso de mutações existentes, o que pode "lhe conferir a capacidade de escapar de uma resposta imune (pelas vacinas disponíveis) e lhe dar uma vantagem em termos de transmissibilidade". O texto enfatiza que, até o momento, não há registro de mortes relacionadas à mutação e que há muito a se descobrir sobre a nova cepa.

Cientistas têm adotado o mesmo tom ponderador. "Espero que possamos abordar a (...) ômicron com empirismo, prudência e humildade, em vez de especulações como as dos últimos dias", escreveu, ontem, no Twitter o infectologista da Universidade de Toronto Isaac Bogoch.

A OMS diz trabalhar com países e parceiros para entender o impacto potencial da nova variante sobre medidas preventivas de combate à covid-19, incluindo as vacinas. Segundo a agência, as evidências disponíveis indicam que os imunizantes atuais "são eficazes na redução de doenças graves e morte contra todas as variantes da covid-19." Um dos principais especialistas do mundo em epidemias e conselheiro do governo dos Estados Unidos para o enfrentamento à pandemia, Anthony Fauci afirmou que continua "acreditando que as vacinas existentes devem fornecer um grau de proteção contra casos severos de covid-19".

A expectativa é de que, em até três semanas, saiam os resultados dos primeiros estudos sobre a eficácia dos imunizantes contra a cepa ômicron, mas uma ideia real desse efeito demorará meses. Foi o que aconteceu com a variante

AFP



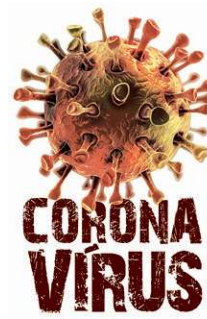
Meta de vacinar 40% da população de todos os países neste ano não deve ser cumprida: apenas 0,6% foi para as nações pobres

» Pfizer trabalha em nova versão

A Pfizer informou que começou a trabalhar, na sexta-feira, em uma nova versão de sua vacina direcionada para a variante ômicron, no caso de o imunizante atual não ser suficientemente eficaz contra essa cepa. O diretor executivo da farmacêutica americana, Albert Bourla, disse que, "em poucas semanas", a empresa "saberá o essencial do que precisamos saber" sobre impactos na eficácia. Se a constatação for de queda na proteção, algumas etapas já terão sido concluídas. "Fizemos nosso primeiro modelo de DNA, que é a primeira etapa do desenvolvimento de uma nova vacina (...) Em 95 dias, teremos a nova vacina contra a ômicron", afirmou.

delta, identificada, pela primeira vez, na Índia, há um ano. No último dia 24, a OMS divulgou que a delta reduziu para 40% a eficácia das vacinas contra a transmissão do coronavírus. No caso da ômicron, o excesso de mutações na proteína spike — alvo das vacinas disponíveis — é o que acirra a preocupação quanto a possíveis impactos na eficácia das fórmulas.

Segundo pesquisadores do Hospital Bambino Gesù de Roma, os dados atuais não permitem essa conclusão, ainda que a quantidade de mutações na ômicron seja significativamente maior que a detectada na cepa delta. "Isso não quer dizer automaticamente que essas mutações são mais perigosas, diz simplesmente que o vírus se adaptou mais uma vez à espécie humana gerando outra variante. Outros estudos nos dirão se essa adaptação é neutra, menos ou mais perigosa", explica, em nota, a equipe responsável pela primeira imagem tridimensional da nova variante, divulgada no domingo.



Sintomas leves

Por outro lado, o já constatado aumento do número de infectados na África do Sul é um sinal significativo de que a nova cepa deve ser mais transmissível, na avaliação do epidemiologista sul-africano Salim Abdool Karim. No domingo, o país registrou 2.800 novos casos de covid, contra 500 na semana anterior. Quase 75% das infecções contabilizadas nos últimos dias foram provocadas pela nova variante, sendo que os pacientes apresentaram sintomas leves, sem necessidade de internação.

A principal queixa, segundo Salim Abdool Karim, foi cansaço. "Embora a ômicron não seja clinicamente mais perigosa e os primeiros sinais ainda não sejam alarmantes, provavelmente, veremos um aumento de casos devido à velocidade de transmissão", afirma. O epidemiologista estima que, até o fim desta semana, o país chegará à média de 10 mil novos casos diários de covid-19.

Para o infectologista francês Yazdan Yazdanpanah, é "muito cedo para dizer" se os sintomas leves dos infectados pela nova variante indicam que ela deva ser mais contagiosa, mas menos perigosa. "No que diz respeito à gravidade, por enquanto temos poucos elementos", justifica. O especialista também avalia que a variante delta, muito difundida na Europa, é pouco presente na região em que foram descobertos os primeiros casos de infecção pela ômicron. Dessa forma, acredita, aumentam as dúvidas sobre a virulência da cepa no sul da África. "As circunstâncias



Quanto mais tempo a desigualdade vacinal persistir, mais oportunidades esse vírus terá de se espalhar e evoluir de maneiras que não podemos prever nem prevenir"

Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde

do surgimento e da circulação da variante ômicron na África do Sul não são as mesmas que na Europa", justifica.

Equidade

Por enquanto, os pesquisadores insistem em um ponto: a estratégia de combate às variantes atuais, principalmente a delta, permanece eficaz. O que precisa, segundo a OMS, é uma cobertura vacinal mais igualitária. Ontem, a agência lembrou que apenas 0,6% de todas as vacinas contra a covid-19 foi direcionada aos países de baixa renda, a maioria deles localizados na África. "Entendemos e apoiamos a responsabilidade de cada governo de proteger seu povo. Mas equidade vacinal não é caridade. Nenhum país pode vacinar sozinho para sair da pandemia", disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus.

A agência estipulou a meta de que 40% da população de todos os países devem ser vacinadas contra a covid-19 até o fim deste ano, e 70% até meados de 2020. Dados divulgados ontem pela OMS indicam que 103 países não atingiram o objetivo, sendo que mais da metade deles fechará o ano nessa condição "simplesmente porque não têm acesso às vacinas de que precisam". "Quanto mais tempo a desigualdade vacinal persistir, mais oportunidades esse vírus terá de se espalhar e evoluir de maneiras que não podemos prever nem prevenir", alerta Ghebreyesus.

Droga reduz pela metade mortes em UTI

A mortalidade de pacientes de covid-19 que precisam de um tratamento com ventilação mecânica é de cerca de 50%. Cientistas têm testado medicamentos desenvolvidos para outras finalidades na tentativa de descobrir drogas que também possam tratar as complicações pulmonares graves geradas pelo novo coronavírus. Um estudo divulgado, ontem, na revista científica *American Journal of Respiratory and Critical Care Medicine* indica que a prostaciclina pode ter esse efeito. Em ensaios clínicos, a droga conseguiu reduzir pela metade as mortes em pacientes sob cuidados intensivos.

A prostaciclina é usada desde a década de 1980 para tratar a hipertensão pulmonar — quadro em que a pressão nas artérias pulmonares é anormalmente alta, podendo causar falta de ar e fadiga na execução de atividades leves,

como caminhar. Em um estudo anterior, cientistas da Faculdade de Saúde e Ciências Médicas da Universidade de Copenhague demonstraram que, em baixa dosagem, a droga pode ter um efeito benéfico em pacientes com covid-19 atendidos em unidades de terapia intensiva (UTIs).

Segundo o professor Pär Johansson, há, nesses pacientes, prejuízos nas células endoteliais dos menores vasos sanguíneos do corpo, os capilares. "Quando essas células são danificadas, ocorrem microcoágulos sanguíneos que limitam a disponibilidade de oxigênio no órgãos vitais e causam sérios danos a pulmões, coração, fígado e rins. Parece que esse processo pode ser revertido com o tratamento de pacientes com prostaciclina", detalha, em nota.

A equipe decidiu, então, avaliar a terapia experimental em

JOAQUIN SARMIENTO



um grupo de 80 pessoas internadas, em razão da covid, em hospitais da Dinamarca. Metade dos voluntários recebeu prostaciclina, enquanto o outro grupo, o de controle, uma solução salina

tradicional. Três dias depois, constatou-se que aqueles que receberam a droga tiveram, em geral, significativamente menos danos aos órgãos vitais durante o período que estiveram na UTI.

A prostaciclina, usada para tratar hipertensão pulmonar, foi testada em pacientes de covid que precisavam de ventilação mecânica

Mais estudos

Além disso, a mortalidade caiu pela metade — 22% no grupo tratado com prostaciclina, contra 44% no grupo de controle. Os autores observam, porém, que esses resultados foram obtidos em um número pequeno de pacientes. Por isso, a necessidade de continuidade do estudo. "É importante examinar se o mesmo efeito também pode ser observado quando um número maior de pacientes é investigado", enfatiza Pär I. Johansson.

Atualmente, o grupo conduz um estudo maior com foco no efeito da prostaciclina na falência de órgãos em pacientes com choque séptico e endotelopatia grave. Segundo Johansson, se pacientes de covid-19 atenderem aos critérios de participação, eles poderão ser incluídos nesse estudo.

A expectativa dele, porém, é de que outros pesquisadores façam o acompanhamento dos resultados divulgados ontem. "Descobrimos que os pacientes que receberam prostaciclina tinham, em geral, melhor funcionamento dos órgãos e melhores chances de sobrevivência. Ainda existem muitos pacientes com covid-19 em departamentos de terapia intensiva em todo o mundo, e estamos muito satisfeitos que, agora, parece haver uma melhor opção de tratamento melhor", afirma Johansson.